

NOVAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE CULTURA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: APRESENTAÇÃO

Lília Rolim Abadia¹

Gianluca Simi²

Carlos Ângelo de Meneses Sousa³

Em face das constantes investidas contra o pensamento crítico e da disseminação da ideia de que as disciplinas das Ciências Sociais e Humanas são menos úteis ao sistema de produção capitalista — críticas essas muitas vezes engendradas com boas intenções ou sob a fachada da necessidade de pesquisas “úteis à sociedade” —, tanto no Brasil como em outras partes do globo, observamos o esvaziamento do conhecimento que se ampara em subterfúgios estritamente técnicos. Não se trata de negar a importância da técnica na ciência. Sem ela e sem as convenções científicas vigentes, seria impossível, por exemplo, editar este dossiê da revista *Comunicologia*. Trata-se, no entanto, de apostar no poder radical da teoria não com o intuito de encaixar a complexidade do mundo em suas lentes, mas de proporcionar mecanismos de interpretação dos fenômenos vivenciados.

A teoria é, assim, compreendida como uma parte integrante do processo de pesquisa, sobretudo daquelas de abordagem qualitativa (CRESWELL, 2010, 2014; DEVECHI, TREVISAN, 2010; HERNÁNDEZ SAMPIERI et al., 2014; JACKSON, MAZZEI, 2017). Ao contrário do que dita o senso comum, pensar com a teoria implica um sério trabalho de sistematização e imersão no conhecimento que já foi produzido, na compreensão histórica dos fenômenos estudados e nos pressupostos filosóficos que sustentam as interpretações. O ponto de maior dificuldade⁴ no trabalho com a teoria talvez seja o delicado equilíbrio entre sistematização e criatividade,

¹ Doutora em Teoria Crítica e Estudos Culturais pela Universidade de Nottingham (Inglaterra). Pesquisadora associada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Católica de Brasília pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado (CAPES-UCB). E-mail: liliabadia@gmail.com.

² Doutor em Teoria Crítica e Estudos Culturais pela Universidade de Nottingham (Inglaterra).

³ Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, com estudos na Universidade de Bonn (Alemanha). Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Católica de Brasília – UCB. Pesquisador da Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade.

⁴ Discutimos algumas dessas dificuldades em um relato de experiência sobre a nossa vivência no ensino da metodologia da pesquisa no âmbito de uma oficina de análise de conteúdo (ABADIA; SOUSA, no prelo).

medida necessária para evitar a mera especulação e para garantir a geração de um argumento fundamentado e novo.

Assim como Jackson e Mazzei (2017), que escreveram um capítulo intitulado “Thinking with Theory”⁵ no já consagrado manual de metodologia de Denzin e Lincoln (2017), entendemos que a teoria sempre começa com os questionamentos filosóficos implicados na construção do saber, tais como: o que é a realidade? Como chegamos a ela? Quem tem a autoridade para determinar o que é real e o que são os caminhos válidos para se chegar a ela? A teoria em sua multiplicidade — muitas vezes de difícil diálogo em vista dos seus distintos pressupostos (*vide* DEVECHI; TREVISAN, 2010) — é mais fecunda quando apreendida em interface com a realidade. No entanto, a *realidade* não é um conceito de fácil definição.

Não pretendemos nos estender no debate sobre o que é a realidade ou a verdade na ciência, tampouco tencionamos reavivar as guerras de paradigmas ontológicos e epistemológicos (ATKINSON, 1995; CROTTY, 1998; GUBA; LINCOLN, 1994; WILLIAMS; MAY, 1996). No entanto, parece-nos fundamental iniciar a conversa proposta neste dossiê com algumas observações sobre a *realidade* que queremos alcançar e sobre o poder da teoria para examiná-la. A realidade que nos interessa é aquela que pode ser compreendida pela nossa observação empírica, mas que não se limita à nossa vivência individual; é uma realidade que não se pretende universal, mas que tem consciência dos perigos da extrema relativização; é a que está sempre em transformação, mas que não significa uma constante inversão das relações de poder⁶. A análise dessa realidade necessita de dois importantes processos: a mobilização do conhecimento já produzido e a produção de mecanismos para a sua tradução para o presente espaço-tempo, ambos viabilizados pelo pensamento crítico.

Apesar de ser parte integrante do percurso de pesquisa, Jackson e Mazzei (2017) salientam que pensar com a teoria não deve ser uma tarefa enclausurada em uma fórmula metodológica. A inexistência de fórmulas não significa a ausência de princípios gerais, os quais procuramos seguir neste dossiê: os objetivos e os processos da investigação devem ser bem

⁵ “Pensando com a Teoria” (ALECIA; MAZZEI, 2017, nossa tradução).

⁶ Afinal, como já nos alertava Giuseppe Tomasi di Lampedusa em uma frase bastante citada do romance “O Leopardo” ([1958]2017, Kindle Editions), “Se quisermos que tudo continue como está, é preciso que tudo mude”.

explicitados. Deve, também, existir transparência, bom senso e boa conduta na autorreflexão sobre a posicionalidade de quem conduz a pesquisa.

Refletir *com e a partir da* teoria significa examinar — com abertura — o contraditório. Nessa medida, para o nosso propósito e argumento, devemos explorar a significativa provocação de Latour (2004): “Why has Critical Theory run out of Steam?”⁷. Extrapolamos, aqui, a crítica para além da fronteira disciplinar da Teoria Crítica e convidamos a reflexão de Latour a todo o pensamento crítico nas Ciências Sociais e Humanas. Dessa forma, concordamos com o autor (LATOURE, 2004) quando aponta que temos que reequipar o ensino do pensamento crítico para não fornecermos *armas* aos argumentos destrutivos dos negacionistas climáticos, das ciências em geral e dos políticos da extrema-direita, por exemplo.

Contudo, diferentemente de Latour — e mais em linha com a resposta de Butler (2019, p. 3) à provocação do autor francês —, consideramos o objetivo do pensamento crítico como o que procura não reproduzir conhecimento que reproduz “forms of domination or subjugation”⁸. Butler (2019) defende um argumento semelhante ao de Rancière (2010) sobre o comprometimento ético da Teoria Crítica: não apenas a crítica pela crítica, mas uma crítica comprometida com a restauração da voz da “part of those who have no part —that is, in the last instance, the equality of speaking beings without which inequality itself is inconceivable”⁹ (RANCIÈRE, 2010, p.33).

Assim, embora não concordemos totalmente com a posição de Latour em relação ao pensamento crítico, consideramos válidos os seus questionamentos que se relacionam à capacidade de autorreflexão dos pesquisadores. Latour questiona-se se, com o ímpeto crítico, não estaríamos:

ceaselessly transforming the whole rest of the world into naïve believers, into fetishists, into hapless victims of domination, while at the same time turning them [our objects of study] into the mere superficial consequences of powerful hidden causalities coming from

⁷ “Por que a Teoria Crítica Perdeu Vigor”? (LATOURE, 2004, nossa tradução).

⁸ formas de “dominação ou de submissão” (BUTLER, 2019, p. 2).

⁹ “parte daqueles que não têm parte —isto é, em última instância—, a igualdade dos seres falantes, sem a qual a própria desigualdade é inconcebível” (RANCIÈRE, 2010, p.33, nossa tradução).

infrastructures whose makeup is never interrogated? All the while being intimately certain that the things really close to our hearts would in no way fit any of those roles. (LATOUR, 2004, p.243)¹⁰

Reiteramos que a capacidade de autorreflexão e a atitude de abertura para a dúvida (ABADIA; SOUSA, no prelo) não devem ser confundidas com o ceticismo destruidor, comumente descrito como *negacionismo*. Nesse ponto, preferimos retomar a expressão de Booth, Colomb e Williams (2008, p. 10) sobre uma atitude “amiably skeptical”¹¹ em relação ao conhecimento que já existe. Isto é, uma atitude inquiridora, não dogmática e ciente da constante transformação da realidade que, ao mesmo tempo, não distende o relativismo a ponto de valorar de igual modo um conhecimento fundamentado e uma percepção.

De fato, a realidade é o ponto de partida deste dossiê, que nasceu a partir da nossa observação empírica sobre o impacto da pandemia nessa mesma realidade. Nestes cerca de 16 meses — desde o primeiro registro de Covid-19 no Brasil —, temos observado como a crise sanitária de Covid-19 acelerou o processo de migração e de reestruturação digital de diversas relações sociais para o campo virtual — notadamente do trabalho e das relações afetivas — de uma maneira inédita. Essa aceleração explicitou não só as deficiências estruturais de acesso às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como também a carência de um letramento tecnológico eficaz. Diante de um cenário atípico, o questionamento sobre quais são as lições que temos aprendido tem sido recorrente. Similarmente, uma questão vem sendo frequentemente levantada: como interpretar esta nova realidade em comparação com o passado e com vistas à construção de um projeto de futuro?

Nesse âmbito, seria mais apropriado pensar na transformação da realidade em termos de emancipação, a qual necessita de um amplo esforço da educação em todas as dimensões (GADOTTI, 2012; FÁVERO, 2007; TRILLA, 2008), mas sobretudo na proposta de educação emancipatória (FREIRE, 2011; ADORNO, 2003). Para Adorno (2003, p. 183), “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas

¹⁰ “transformando incessantemente todo o resto do mundo em crentes ingênuos, em fetichistas, em vítimas infelizes de dominação, enquanto, ao mesmo tempo, transformamos [os nossos objetos de estudo] em meras consequências superficiais de poderosas causalidades ocultas provenientes de infraestruturas cuja constituição nunca é questionada? E, durante todo o tempo, estando intimamente certos de que as coisas realmente próximas aos nossos corações não caberiam em nenhum desses papéis.” (LATOUR, 2004, p. 243, nossa tradução).

¹¹ “cordialmente incrédulos” (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2008, p. 10, nossa tradução).

nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência”. Quanto a isso, resta-nos reforçar que a plena emancipação vai além de um reconhecimento das necessidades individuais, pois requer a tomada de partido pelos que não têm parte (RANCIÈRE, 2010): trata-se do efetivo reconhecimento da unicidade na diversidade.

Sendo este período de crise sanitária, um tempo de desestabilização do cotidiano, dos ritmos e dos espaços da vida, consideramos que consiste em uma oportunidade de “put theory to work to see how it functions within problems and opens them up to the new”, uma vez que “[t]heory is responsive, not merely an application or a reflection”¹² (JACKSON; MAZZEI, 2017, p. 1245-1246).

No atual contexto pandêmico, a aceleração do uso de TDIC aliada ao crescente descrédito social e político da pesquisa científica, bem como à crise econômica, exige um esforço intelectual renovado à luz de perspectivas teóricas e metodológicas que rearticulem as relações entre mídia, cultura, tecnologia e educação. Essas quatro esferas da realidade estão particularmente interligadas e devem ser mobilizadas no projeto emancipador no tempo presente. Ademais, refletir sobre essas áreas e suas interconexões constitui-se um exercício necessário para a construção de uma memória múltipla da pandemia a partir das leituras de mundo proporcionadas por perspectivas teóricas: as que enfatizam as relações de poder, as que questionam quais são os atores que constituem o dito *mundo social* ou, ainda, as que refletem sobre as nossas próprias disciplinas científicas.

Pelas razões descritas acima, propusemos, em dezembro de 2020, uma chamada de artigos para, usando a expressão de Spink e Alves (2011), um exercício de “rebeldia competente”. Pretendíamos criar um entrecruzamento de saberes nas duas principais línguas da revista. Logramos a participação de artigos que reúnem diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas, com ênfase na Comunicação, Educação e Estudos Culturais, comprometidos com a reflexão do presente e das experiências vividas. Os textos foram escritos por pesquisadores em diferentes estágios do percurso acadêmico, o que visa a valorizar o empreendimento da

¹² “colocar a teoria para funcionar para ver como ela funciona dentro de problemas e os abre para o novo”, uma vez que a “teoria é responsiva, e não apenas uma aplicação ou uma reflexão” (JACKSON; MAZZEI, 2017, p. 1245 -1246, nossa tradução).

reflexão, o qual nem sempre se orienta conforme as necessidades do tempo de reflexão, uma vez que estamos sob o arbítrio de uma lógica produtivista (*vide* PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015).

A maior parte das propostas recebidas foi escrita na variante brasileira da língua portuguesa, o que se materializou na desproporção de artigos em português e inglês. Foram aceitos textos com estilos de escritas diversos, alguns dos quais remetem à aproximação da academia com problemas sociais recentes, com o questionamento dos preconceitos perpetuados na gramática normativa e no uso da primeira pessoa do singular, que visa a desvelar a subjetividade constitutiva da autoria do artigo.

Dentre os artigos selecionados para este dossiê, alguns abordam a colonização do cotidiano por TDIC a partir de distintas concepções: o trabalho remoto a partir da análise dos ritmos e espaços, a influência da racionalidade neoliberal na criação de subjetividade e a atividade de pesquisa na pandemia segundo princípios da autoetnografia aliada à Teoria Ator-Rede. Esses três primeiros artigos propiciam olhares distintos a um dos pontos centrais das Ciências Sociais e Humanas, que consiste na relação entre o indivíduo e a complexa trama que se convencionou chamar de social. Dois textos, respectivamente, *“Living in the Workroom. Elements for a (Rhythm) Analysis of the Everyday During a Lockdown”*¹³ e *“Rearticulações da Autoetnografia a partir da Teoria Ator-Rede: Exemplo de um Estudo Colaborativo em Tempos de Pandemia”* reafirmam a necessidade de uma maior atenção a outros atores que agem na constituição desse mundo “social”. Já o *“O Homo Digitalis nos Labirintos da Sociedade Neoliberal”* evidencia a hegemonia do neoliberalismo na forma como nos pensamos a nós mesmos, como construímos a nossa identidade a partir da naturalização de princípios hedonistas e individualistas, cultivados pela lógica neoliberal e promovidos pelo uso de Tecnologias Digitais, bem como pelos ideais de consumo.

Outras contribuições relevantes para procurarmos compreender o tempo presente referem-se ao papel da mídia e da família no letramento científico e na divulgação de informações sobre — mas não só — Covid-19, como, por exemplo, o papel da família e das diferenças intergeracionais no letramento midiático, abordados em *“Mídia em Família:*

¹³ “Viver no espaço de trabalho. Elementos para uma (ritm)análise da vida cotidiana durante o lockdown”.

Aspectos das Relações Intergeracionais no Contexto das Redes Sociais na Internet”; o papel dos memes na propagação ou refutação de notícias falsas da pandemia, expresso em “Nem Tudo o que Reluz é Ouro: Discutindo Memes e *Fake News* em Tempos de Pandemia”; e a potencialidade da construção de um jornalismo sensível para reavivar a ligação do público com os meios tradicionais de comunicação social, questão discutida em “O Uso Social dos Afetos: Um Olhar sobre o Jornalismo Sensível na Era da Desinformação”.

Encerramos com duas contribuições bem distintas que também se dedicam a refletir sobre a pandemia. Uma delas se debruça sobre a ressignificação do trabalho docente em face do teletrabalho, o qual funciona como laboratório para novas relações de exploração. Já a outra examina como a pandemia ressignificou as relações homoafetivas e o relacionamento interpessoal em um aplicativo de namoro. O primeiro tema pode ser conferido no artigo “Educação em Tempos de Pandemia: O Ensino Remoto e a Precarização do Trabalho Docente no Brasil”. O segundo é discutido no artigo que encerra este dossiê: “E Vamos de *Webnamoro!*: (Re)Aprendizagens Amorosas/Sexuais em Tempos de Covid-19 no Tinder”.

Não procuramos — e não seria possível —, neste dossiê, esgotar as possibilidades interpretativas que novos olhares do pensamento crítico podem produzir sobre a pandemia, mas antes produzir um conhecimento sustentado por compromisso ético e consciente de seus limites; um exercício autorreflexivo de inquirir para além da vivência e expectativa inerente ao exercício de pesquisa. Esse exercício visa a, em última instância, mais do que encontrar padrões e produzir conclusões genéricas: “open up thought” (JACKSON; MAZZEI, 2017, p.1247).

Esperamos, assim, que esta publicação renove o entusiasmo pela resistência, pela rebeldia e, simultaneamente, pela responsabilidade que existe no pensamento crítico. Desejamos que todos, inclusive os próprios editores e autores deste dossiê, continuem a procurar sair da zona de conforto das crenças e certezas, abrindo espaço para o inesperado sem, com isso, promover uma cultura de destruição da ciência, de banalização do conhecimento produzido na academia e de dissuasão do compromisso ético.

REFERÊNCIAS

- ABADIA, Lília; SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. Como Fazer Análise de Conteúdo? Relato de Experiência de uma Oficina de Metodologia da Pesquisa. **Educação Temática Digital**, no prelo [aceito em 21 de abril de 2021].
- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. In ADORNO, T. **Educação e emancipação**. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 169-186.
- ATKINSON, Paul. Some Perils of Paradigms. **Qualitative Health Research**, v. 5, n. 1, p. 117–24, 1195. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/104973239500500108>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- BOOTH, Wayne C. Gregory G. Colomb, Gregory G.; Williams, Joseph M. **The Craft of Research**. Chicago: The University of Chicago Press. 3rd Edition, 2008.
- CRESWELL, John. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo Entre Cinco Abordagens**. 3.edição. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.
- CRESWELL, John **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CROTTY, M. **The Foundations of Social Research. Meaning and Perspective in the Research Process**. Londres, Thousand Oaks, Nova Deli: SAGE Publications Ltd, 1998.
- BUTLER, J. The inorganic body in the early Marx. A limit-concept of anthropocentrism. **Radical Philosophy**, v. 2, n. 6, p. 1–17, 2019.
- BUTLER, Judith. O corpo inorgânico no jovem Marx: um conceito-limite de antropocentrismo. **Práxis Educativa**, v. 16, p. 1 - 18, 2021. Disponível em <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S (eds.) **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Los Angeles: SAGE, 2017
- DEVECHI, Catia, TREVISAN, Amaral. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência. **Revista Brasileira de Educação**, vol.15, n.43, p. 148-201, jan./abr., 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000100010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 out. 2020.
- FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 614-617, maio-ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/PXffv6zx3gFXmwN3wpydDpr/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.. In: **Congresso Internacional de Pedagogia Social**, 4., 2012, São Paulo. [Atas *on-line*] Associação Brasileira de Educadores Sociais, Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092012000200013&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 19 jun. 2021

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Competing paradigms in qualitative research. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S. (eds.) **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA: SAGE, 1994, p. 105-117.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodología de la Investigación**. 6.ª ed. México D.F.: McGraw-Hill / Interamericana Editores, 2014.

JACKSON, Alecia Y.; MAZZAEI, Lisa A. Thinking with Theory; A New Analytic for Qualitative Inquiry. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S. (eds.) **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Los Angeles: SAGE, 2017, p. 1240-1275.

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. **O Leopardo**. São Paulo: Companhia das Letras. *Kindle Editions*, 2017

LATOUR, Bruno. Why Has Critique Run Out of Steam?: From Matters of Fact to Matters of Concern. **Critical Inquiry**, v. 30, n. 2, p. 225–248, 2004.

PATRUS, R.; DANTAS, D. G.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 1, jan.-mar. 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **Dissensus** — on politics and aesthetics. Londres: Continuum, 2010.

SPINK, P. K.; ALVES, M. A. O campo turbulento da produção acadêmica e a importância da rebeldia competente. **O&S**, Salvador, v. 18, n. 57, p. 337-343, abr.-jun. 2011.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In. ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

WILLIAMS, Malcolm; MAY, Tim. **Introduction to the Philosophy of Social Research**. Londres / Bristol [EUA]: University College London Press / Taylor & Francis, 1996.

INTRODUCING NEW THEORETICAL PERSPECTIVES ON CULTURE, TECHNOLOGY, AND EDUCATION

Lília Rolim Abadia¹⁴

Gianluca Simi¹⁵

Carlos Ângelo de Meneses Sousa¹⁶

In view of the constant attacks against critical thinking and the dissemination of the idea that the Social Sciences and the Humanities are somewhat less valuable to the capitalist production system — often well-intentioned, phrased in terms of the need for research that might be "useful to society" — both in Brazil and in other parts of the globe, we see the hegemony of knowledge that is supported by strictly technical subterfuges. It is not a question of denying the importance of technique in science. Without it and without current scientific conventions, it would be impossible, for example, to edit this very issue of *Comunicologia*. Rather, it is about fostering the radical power of theory — not with the intention of fitting the complexity of the world within neatly distinguishable frameworks, but of providing mechanisms for interpreting phenomena.

Theory is thus understood as an integral part of the research process, especially that with a qualitative approach (CRESWELL, 2010, 2014; DEVECHI, TREVISAN, 2010; HERNÁNDEZ SAMPIERI et al., 2014; JACKSON, MAZZEI, 2017). Contrary to common sense, thinking through theory implies a serious work of systematisation and immersion in the knowledge that has already been produced, in the historical understanding of the phenomena under study, and in the philosophical assumptions that support interpretations. The point of greatest difficulty in working with theory is perhaps the delicate balance between systematisation and creativity, a necessary measure to avoid mere speculation and to guarantee the generation of solid, novel arguments.

¹⁴ Dr Lília Abadia holds a PhD in Critical Theory and Cultural Studies from the University of Nottingham (England). Currently, she is an associate researcher at the Pos-graduate Program in Education at the Catholic University of Brasília and the National Post-Doctoral Program (PNPD) at CAPES-Brazil. E-mail: liliabadia@gmail.com.

¹⁵ Dr Gianluca Simi holds a PhD in Critical Theory and Cultural Studies from the University of Nottingham (England).

¹⁶ Dr Carlos Ângelo de Meneses Sousa holds a PhD in Sociology from the University of Brasília (UnB), and with a period of studies at the University of Bonn (Germany). He is a professor of the Pos-graduate Program in Education at the Catholic University of Brasília (UCB). Researcher at the UNESCO Chair in Youth, Education and Society — UCB.

Like Jackson and Mazzei (2017), who wrote a chapter on “Thinking with Theory” in Denzin and Lincoln's (2017) methodology handbook, we understand that theory always starts with the implied philosophical questions in the construction of knowledge, such as: what is reality? How do we access it? Who has the authority to determine what is real and what the valid paths to access it are? Theory in its multiplicity — often a difficult dialogue in view of different assumptions (see DEVECHI; TREVISAN, 2010) — is most fruitful when seized at the interface with reality; for as hard as *reality* in and of itself might be to define as concept.

We do not intend to further the debate about what reality or truth in science might be, nor do we intend to revive ontological and epistemological rows (ATKINSON, 1995; CROTTY, 1998; GUBA; LINCOLN, 1994; WILLIAMS; MAY, 1996). However, it seems essential to us to start the conversation on these issues with some remarks about the sort of *reality* towards which we would like to strive as well as about the power that theory has to examine it. The reality that interests us is that which can be understood by empirical observation, but which is not in turn limited to our individual experience; it is a reality that does not claim to be universal, but that is aware of the dangers of extreme relativisation. One that is always changing, without forcibly implying a constant inversion of power relations¹⁷. The analysis of this reality requires two important steps: the mobilisation of knowledge that has already been produced and the very production of mechanisms for translating such reality to the present spacetime, both of which are made possible by critical thinking.

Despite being an integral part of the research path, Jackson and Mazzei (2017) emphasise that thinking through theory should not be a task enclosed within a methodological formula. The inexistence of formulae does not mean the absence of general principles, by which we seek to abide in this issue: the objectives and processes of inquiry must be well explained. There must also be transparency, common sense, and good conduct in how to reflect on the positionality of those who conduct research.

Reflecting *with* and *from within* theory means examining — openly — what is contradictory. To that extent, for our purposes here, we should explore Latour's (2004)

¹⁷ After all, as Giuseppe Tomasi di Lampedusa already warned us in a frequently quoted phrase from the novel “The Leopard” ([1958]2017, Kindle Editions, our translation), “For everything to remain the same, everything must change”.

significant provocation: “Why has Critical Theory run out of Steam?”. Here, we take on critique beyond the disciplinary boundaries of Critical Theory and invite Latour's reflection to all critical thinking in the Social Sciences and the Humanities. We thus agree with the author (LATOURE, 2004) when he points out that we have to re-equip the teaching of critical thinking so as not to provide *weapons* to the destructive arguments of those who deny the climate crisis, and science in general, as well as far-right politicians, for example.

However, unlike Latour — and more in line with Butler's (2019, p. 3) response to the French author's provocation — we consider the objective of critical thinking to be one of seeking *not* to reproduce knowledge that supports “forms of domination or subjugation”. Butler's (2019) argument is similar to Rancière's (2010) when they touch on the ethical commitment of Critical Theory: not just criticism for the sake of criticism but, rather, critique that is committed to restoring the voice of the “part of those who have no part – that is, in the last instance, the equality of speaking beings without which inequality itself is inconceivable” (RANCIÈRE, 2010, p.33).

Thus, although we do not fully agree with Latour's position in relation to critical thinking, we consider his questions regarding researchers' capacity for self-reflection to be valid. Latour wonders if, through critique, we would not be:

ceaselessly transforming the whole rest of the world into naïve believers, into fetishists, into hapless victims of domination, while at the same time turning them into the mere superficial consequences of powerful hidden causalities coming from infrastructures whose makeup is never interrogated? All the while being intimately certain that the things really close to our hearts would in no way fit any of those roles (LATOURE, 2004, p.243).

We reiterate that the capacity for self-reflection and an attitude of openness towards doubt (ABADIA; SOUSA, forthcoming) should not be confused with destructive skepticism, commonly described as *negationism*. At this point, we prefer to take up the expression of Booth, Colomb, and Williams (2008, p. 10) about an “amiably skeptical” attitude towards the knowledge that already exists. That is, an inquisitive, non-dogmatic attitude, one that is aware of the constant transformations of reality and one that, at the same time, does not value relativism in the same way as founded knowledge and perception.

In fact, reality is the starting point of this dossier, which was born out of our empirical observation of the impact of the pandemic on this very same reality. In these 16 months — since the first records of COVID-19 cases in Brazil —, we have been observing how this health crisis accelerated the process of migration and digital restructuring of various social relations towards the virtual — notably work and affective relationships — in an unprecedented way. This acceleration made explicit not only the structural deficiencies of access to Digital Information and Communication Technologies (DICT) but also the lack of effective tech literacy. Faced with an atypical scenario, the question about the lessons that we might have learnt remains incredibly relevant. Likewise, one question has been frequently raised: how to interpret this new reality in comparison to the past and, at the same time, with a view to building a project for the future?

In this context, it would be more appropriate to think about the transformation of reality in terms of emancipation, which requires a broad effort in education in all dimensions (GADOTTI, 2012; FÁVERO, 2007; TRILLA, 2008), but, above all, in the very concept of emancipatory education (FREIRE, 2011; ADORNO, 2003). For Adorno (2003, p. 183), the only effective realization of emancipation¹⁸ is that those “the few people who are in favor of it must work energetically to make education an education for contradiction and resistance”. In this sense, it should be reinforced that full emancipation goes beyond recognition of individual needs, as it requires the taking of sides by those who do not have a part (RANCIÈRE, 2010): it is about the effective recognition of uniqueness in diversity.

As this period of crisis is a time of destabilisation of the everyday, of rhythms, and spaces of life, we believe that this is an opportunity to “put theory to work to see how it functions within problems and opens them up to the new”, since “[t]heory is responsive, not merely an application or a reflection” (JACKSON; MAZZEI, 2017, p. 1245-1246).

In times of pandemic, the acceleration of the use of DICTs combined with the growing social and political discredit of scientific research, as well as the economic crisis – all require a renewed intellectual effort in light of theoretical and methodological perspectives that rearticulate relations between media, culture, technology, and education. These four spheres

¹⁸ In the English translation, the term used is “autonomy” (see ADORNO, BECKER, 1983).

of reality are particularly interconnected and must be mobilised in the emancipatory project in the present time. Furthermore, reflecting on these areas and their interconnections is a necessary exercise for the construction of a multi-faceted memory of the pandemic through readings of the world enabled by theoretical perspectives: those that emphasise power relations, those that question who the actors who constitute the so-called “social world” or yet those who reflect on our own scientific disciplines.

For the reasons described above, we published, in December 2020, a call for papers for, using Spink and Alves’ words (2011), an exercise in “competent rebellion”. We intended to create a crossover of knowledge in the two main languages of the magazine. We were lucky to be met with articles that bring together different areas of the Social Sciences and the Humanities, with an emphasis on Communication, Education, and Cultural Studies, in their commitment to reflecting on the present and on lived experiences. Texts were written by researchers at different stages of their careers, thus broadening our platform for reflection, which is not always centred on dedicating enough time for this sort of enterprise, as we are subjugated to the logic of production (see PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015).

Most of the proposals received were written in the Brazilian variant of the Portuguese language, leading to the discrepancy in the number of articles in Portuguese and English. Texts with different writing styles were accepted, some of which refer to the academic approach to recent social issues, to questioning of prejudices perpetuated in normative grammar, and to the use of the first person singular, which aims to unveil the subjectivity behind the article’s authorship.

Amongst articles selected for this issue, some address the colonisation of everyday life by DICTs in different realms: remote work with the analysis of rhythms and spaces, the influence of neoliberal rationality in the creation of subjectivity, and research in times of pandemic according to the principles of autoethnography combined with Actor-Network Theory. These first three articles provide different views to one of the central points of the Social Sciences and the Humanities: the relationship between the individual and the complex web that is conventionally called the social. Two texts, namely “Living in the Workroom. Elements for a (Rhythm) Analysis of the Everyday During a Lockdown” and “*Rearticulações da Autoenografia a partir da Teoria Ator-Rede: Exemplo de um Estudo Colaborativo em Tempos*

*de Pandemia*¹⁹ reaffirm the need for greater attention to other actors in the constitution of this “social” world. *“O Homo Digitalis nos Labirintos da Sociedade Neoliberal”*²⁰ highlights the hegemony of neoliberal thought in the way we think about ourselves and how we build our identity through the naturalisation of hedonistic and individualist principles, cultivated by the neoliberal logic and promoted by the use of Digital Technologies, as well as for consumer ideals.

Other relevant contributions to try to understand the present time refer to the role of the media and the family in scientific literacy and in the dissemination of information about – but not limited to – COVID-19, such as, for example, the role of the family and intergenerational differences in media literacy, addressed in *“Mídia em Família: Aspectos das Relações Intergeracionais no Contexto das Redes Sociais na Internet”*²¹; the role of memes in spreading or rejecting pandemic-related fake news in *“Nem Tudo o que Reluz é Ouro: Discutindo Memes e Fake News em Tempos de Pandemia”*²²; and the opportunity to build a sensitive journalism to revive the public's connection with traditional media, an issue discussed in *“O Uso Social dos Afetos: Um Olhar sobre o Jornalismo Sensível na Era da Desinformação”*²³.

We wrap up with two very distinct contributions that are also dedicated to reflecting on the pandemic. One of them focuses on the resignification of teaching in the context of remote work, acting as a laboratory for new relations of exploration. The other one examines how the pandemic gave same-sex relationships and interpersonal relationships on a dating app a new meaning. The first topic can be seen in the article *“Educação em Tempos de Pandemia: O Ensino Remoto e a Precarização do Trabalho Docente no Brasil”*²⁴. The second one is discussed in the article that closes this issue: *“E Vamos de Webnamoro!': (Re)Aprendizagens Amorosas/Sexuais em Tempos de Covid-19 no Tinder”*²⁵.

¹⁹ “Autoethnography Rearticulations Using Actor-Network Theory (ANT): an example of a collaborative study during COVID-19 pandemic”.

²⁰ “The Homo Digitalis in the Labyrinths of Neoliberal Society”.

²¹ “Media in Family: Aspects of Intergenerational Relations in the Context of Social Networks on the Internet”.

²² “All that Glitters is not Gold: Discussing memes and fake news in pandemic times”.

²³ “The Social Use of Affections: A look at sensitive journalism in the age of disinformation”.

²⁴ “Education in Times of Pandemic: Remote teaching and precarious teaching work in Brazil”.

²⁵ “Let’s go Web Dating!': Love and sexual (Re) learning in COVID-19 Times on Tinder”.

In this issue, we did not seek — as it would not be possible — to exhaust the interpretative possibilities that new perspectives of critical thinking can produce to understand and unpack the pandemic but, rather, to produce knowledge supported by an ethical commitment to self-awareness and its own limitations; a self-reflective exercise of inquiring beyond the experience and expectation inherent in research. This exercise ultimately aims to do more than identify patterns and put forth generic conclusions: it aims to “open up thought” (JACKSON; MAZZEI, 2017, p.1247).

We therefore hope that this publication will breathe some fresh air into resistance, rebellion, and, at the same time, the responsibility that lies with critical thinking. We hope that everyone, including the editors and authors of this issue, continue to push themselves out of the comfort zone of their own beliefs and certainties, to make room for the unexpected without, however, promoting a culture of destruction of science, of trivialising knowledge produced in Academia and curtailing a commitment to ethics.

REFERENCES

ABADIA, Lília; SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. Como Fazer Análise de Conteúdo? Relato de Experiência de uma Oficina de Metodologia da Pesquisa. **Educação Temática Digital**, no prelo [aceito em 21 de abril de 2021].

ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. In ADORNO, T. **Educação e emancipação**. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 169-186.

Adorno; Theodor W.; Becker, Hellmut. Education for Autonomy. **Télos**, n. 56, p.103-11, 1983.

ATKINSON, Paul. Some Perils of Paradigms. **Qualitative Health Research**, v. 5, n. 1, p. 117–24, 1195. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/104973239500500108>. Acesso em: 26 jun. 2021.

BOOTH, Wayne C. Gregory G. Colomb, Gregory G.; Williams, Joseph M. **The Craft of Research**. Chicago: The University of Chicago Press. 3rd Edition, 2008.

CRESWELL, John. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo Entre Cinco Abordagens**. 3.edição. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

CRESWELL, John **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CROTTY, M. **The Foundations of Social Research. Meaning and Perspective in the Research Process**. Londres, Thousand Oaks, Nova Deli: SAGE Publications Ltd, 1998.

BUTLER, J. The inorganic body in the early Marx. A limit-concept of anthropocentrism. **Radical Philosophy**, v. 2, n. 6, p. 1–17, 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S (eds.) **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Los Angeles: SAGE, 2017.

DEVECHI, Catia, TREVISAN, Amaral. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência. **Revista Brasileira de Educação**, vol.15, n.43, p. 148-201, jan./abr., 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000100010&lng=pt&tlng=pt >. Acesso em: 28 out. 2020.

FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 614-617, maio-ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/PXffv6zx3gFXmwN3wpydDpr/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.. In: **Congresso Internacional de Pedagogia Social**, 4., 2012, São Paulo. [Atas *on-line*] Associação Brasileira de Educadores Sociais, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092012000200013&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 19 jun. 2021

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Competing paradigms in qualitative research. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S. (eds.) **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA: SAGE, 1994, p. 105-117.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodología de la Investigación**. 6.ª ed. México D.F.: McGraw-Hill / Interamericana Editores, 2014.

JACKSON, Alecia Y.; MAZZAEI, Lisa A. Thinking with Theory; A New Analytic for Qualitative Inquiry. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S (eds.) **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Los Angeles: SAGE, 2017, p. 1240-1275.

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. **O Leopardo**. São Paulo: Companhia das Letras. *Kindle Editions*, 2017.

LATOUR, Bruno. Why Has Critique Run Out of Steam?: From Matters of Fact to Matters of Concern. **Critical Inquiry**, v. 30, n. 2, p. 225–248, 2004.

PATRUS, R.; DANTAS, D. G.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 1, jan.-mar. 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **Dissensus** — on politics and aesthetics. London: Continuum, 2010.

SPINK, P. K.; ALVES, M. A. O campo turbulento da produção acadêmica e a importância da rebeldia competente. **O&S**, Salvador, v. 18, n. 57, p. 337-343, abr.-jun. 2011.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In. ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

WILLIAMS, Malcolm; MAY, Tim. **Introduction to the Philosophy of Social Research**. London / Bristol [USA]: University College London Press / Taylor & Francis, 1996.